

MICROSCÓPIO

O homem e a máquina.

RAUL PILLA

O sr. Ademar de Barros era um dos mais antigos e arraigados candidatos à Presidência da República. Pouco depois de haver assumido o governo do Estado de São Paulo, começou êle a orientar tôda a sua política no sentido de conquistar a Suprema Magistratura. Entretanto, chegado o momento decisivo da luta, preferiu êle terminar o seu atual mandato, a disputar o tão cobiçado pôsto.

Como se explica esta chocante contradição? Como se justifica que, tendo feito tantos e tão dispendiosos preparativos para o pleito, dêle tenha, por fim, desistido?

Surpreende-se aqui, ao vivo, o que é o sistema presidencial, que há sessenta anos vem desgraçando êste país. Era o sr. Ademar de Barros um candidato temível e temido. Tão temido, que com êle procuraram composição adversários e rivais. Por que o temiam? Por seus atributos pessoais? Claro que, em parte, por isto. Mas em parte, sòmente: porque o ser êle o dono da mais poderosa máquina eleitoral do país, abstraída a União, era o que realmente o fazia temível. Entretanto, para fazer-se candidato, mister seria que êle entregasse primeiro a máquina, não a um estranho, ou a um indifferente, mas precisamente a um inimigo, que passaria a fazê-la girar em sentido diametralmente opôsto. Desfar-se-ia, assim, o encanto do taumaturgo. A águia, que cruzara já, alta-neira, todos os céus do Brasil, perderia as asas e as garras e acabaria depenada, como frango de capoeira.

Este é o sistema. E a tal sistema, em que um homem pode tudo ou não pode nada, conforme esteja ou não esteja no govêrno, chama-se democracia...